

PRÁTICAS DE LEITURA DE MULHERES/ ALUNAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

THAIS SURIAN (UNESP).

Resumo

Esta comunicação é um recorte de uma pesquisa de Mestrado em andamento no Programa de Pós – Graduação em Educação da Unesp/ Rio Claro que estuda as práticas de escrita de mulheres com escolaridade incompleta. Na busca por essas mulheres escritoras foram aplicados questionários em salas de Educação de Jovens e Adultos – EJA, no Ensino Fundamental no município de Rio Claro. Nesse levantamento percebemos que muitas alunas ao preencherem o questionário indiciam a existência da prática da escrita – objeto de estudo da pesquisa – e a existência da prática da leitura. Dessa forma, a presente comunicação propõe apresentar e discutir as práticas de leitura de quatro mulheres, alunas de EJA, que são sujeitos da pesquisa, com as quais foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e recorrentes (gravadas e transcritas). Nas entrevistas, as alunas quando falam sobre suas escritas também o fazem a respeito de suas leituras. Essas mulheres/alunas relataram a prática de leitura em suas vidas, o que lêem e/ ou o que gostaria de ler (assunto/ tema), quais autores, o momento da leitura, a ocorrência da leitura na infância (quando esta existia) e a relação da leitura com a escrita. Como aporte teórico para essa discussão elegemos autores da História Cultural, como Roger Chartier e Michel De Certeau que, em seus estudos focalizam a leitura e a escrita como práticas culturais disseminadas entre sujeitos da sociedade. Trazer algumas questões para a discussão sobre as práticas de leitura de mulheres que estão em salas de EJA pode contribuir para a história da leitura de pessoas adultas que foram excluídas do processo de escolarização regular.

Palavras-chave:

Práticas de Leitura, Mulheres, Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

Esta comunicação é um recorte de uma pesquisa de Mestrado em andamento no Programa de Pós - Graduação em Educação da UNESP / Rio Claro que estuda as práticas da escrita de mulheres com escolaridade incompleta. Na busca por essas mulheres escritoras foram aplicados questionários em salas de Educação de Jovens e Adultos - EJA, no Ensino Fundamental no município de Rio Claro. Nesse levantamento percebemos que muitas alunas ao preencherem o questionário indiciam a existência da prática da escrita - objeto de estudo da pesquisa -, e a existência da prática da leitura. Dessa forma, a presente comunicação propõe apresentar e discutir as práticas da leitura de quatro mulheres, alunas da EJA, que são sujeitos da pesquisa, com as quais se realizou entrevistas semi-estruturadas e recorrentes (gravadas e transcritas). Nas entrevistas realizadas, as alunas, quando falam sobre suas escritas, também o fazem a respeito de suas leituras. Essas mulheres/ alunas relataram a prática da leitura em suas vidas, o que lêem e/ ou o que gostariam de ler (assunto/ tema), quais autores, o momento da leitura, a ocorrência da leitura na infância (quando esta existia) e a relação da leitura com a escrita. Como aporte teórico para essa discussão, elegemos autores da História Cultural, como Roger Chartier e Michel De Certeau que, em seus estudos, focalizam a leitura e a escrita como práticas culturais disseminadas entre sujeitos da sociedade. Trazer algumas questões para a discussão sobre as práticas de ler

realizadas por mulheres que estão em salas de EJA pode contribuir para a história da leitura de pessoas adultas que foram excluídas do processo de escolarização regular.

Leitura: a abordagem da História Cultural

A prática da leitura e da escrita enquanto uma prática cultural, embasada nos estudos de autores da História Cultural como Roger Chartier e Michel De Certeau, entendem a escrita e a leitura enquanto práticas que são culturais, históricas e cotidianas. Assim, "A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990: 16).

Roger Chartier (1991), a partir de um estudo sobre as assinaturas de documentos notariais, judiciais, fiscais e de paróquias entre os séculos XVI e XVIII, que indicavam o contato com a escrita em determinadas sociedades, apontou que na Europa as assinaturas de homens eram em maior número que as de mulheres indicando que estas não participavam do aprendizado da escrita na mesma proporção que os homens. Entretanto, isso não indica que as mulheres não eram leitoras, como coloca o autor (CHARTIER, 1991):

Na Europa, as porcentagens de assinaturas mostram uma série de diferenças. A primeira, entre homens e mulheres. Por toda parte, os homens sempre assinam mais que as mulheres e muitas vezes com uma vantagem que pode chegar a 25% ou 30%. Se esta diferença atesta claramente que as mulheres participam menos do mundo da escrita, não devemos porém tomá-la como a medida exata de uma desigual capacidade de leitura. De fato, nas sociedades antigas a educação das meninas inclui a aprendizagem da leitura, mas não a da escrita, inútil e perigosa para o sexo feminino. Mais ainda que para os homens, as taxas de assinaturas de mulheres não podem indicar, portanto, a porcentagem de "leitoras" do Antigo Regime, pois muitas nunca aprenderam a escrever - e isso não se restringe aos meios populares. (p. 117)

Segundo Chartier (2001b), as situações de leitura são historicamente variadas de acordo com os textos que nos damos a ler, e pela capacidade de leitura dos indivíduos leitores diante dos textos. Dessa forma, coloca (CHARTIER, 2001b):

Creio, por exemplo, que nos meios urbanos, entre os séculos XVII e XVIII, existe todo um outro conjunto de relações com os textos que passa pelas leituras coletivas, leituras que manipulam o texto, decifrado por uns para outros, por vezes elaborado em comum, o que põe em jogo alguma coisa que ultrapassa a capacidade individual de leitura. (p. 233)

O aprendizado da leitura permite a pessoa, seja homem ou mulher, a realização de práticas coletivas e individuais. Assim, a leitura que normalmente era feita em voz alta por quem melhor sabia ler nos espaços da casa para a família, da igreja, entre outros, poderia passar a ser uma prática também individual aos que dominassem a leitura.

Para (CHARTIER, 1991):

A leitura atua, portanto, nos diversos níveis da privatização assinalados por Philippe Áries. É uma das práticas constitutivas da intimidade individual, remetendo o leitor a si mesmo, a seus pensamentos ou a suas emoções, na solidão e no recolhimento. Mas também está no centro da vida dos "grupos de convivialidade" que por opção ou por acaso, em caráter duradouro ou por algum tempo, permitem "evitar o tédio da solidão e o peso da multidão". No século XVIII, são abundantes as representações dessas sociedades unidas pelo livro lido em voz alta. (p. 150).

A prática da leitura em voz alta para grupos de pessoas era uma atividade comum em diferentes situações e lugares como nas ruas, no trabalho, com a família e / ou com amigos.

Sendo assim, as práticas podem ser muitas, realizadas todos os dias pelas pessoas em diversos espaços como aponta (CHARTIER, 2001):

As práticas são inumeráveis. Cada um de nós realiza em um dia de vida profissional ou privada milhares de práticas cotidianas, ordinárias. É impossível recolher ou dar uma representação adequada a essas práticas múltiplas porque há uma situação muito difícil para a análise. Para uma história da leitura, por exemplo, é necessário organizar modelos de leitura que correspondam a uma dada configuração histórica em uma comunidade particular de interpretação. Não se consegue reconstruir a leitura, mas descrever as condições compartilhadas que a definem, e a partir das quais o leitor pode produzir a criação de sentido sempre presente em cada leitura (p. 32-33).

Em relação a leitura, questiona-se sobre as alunas da Educação de Jovens e Adultos: que tipo de leitura é feita e / ou esperada pelas alunas participantes da pesquisa? O que pensam sobre a leitura?

Com as falas das alunas a respeito da temática em questão apresenta-se as práticas da leitura de quatro alunas / mulheres.

As práticas da leitura das mulheres

Nas entrevistas realizadas com as quatro mulheres, Ana, Joana, Mabilia e Sabrina[1], tornou-se possível adentrar pelas histórias dessas leitoras e por suas histórias de leitura. Nessas conversas, as alunas contaram as leituras que fazem e / ou fizeram, o que gostam de ler, o que é para elas ler, o momento da leitura, comentam de autores, e da leitura do que escrevem.

Assim, a leitura, enquanto uma prática, neste texto, configura em contexto que tentaremos buscar sentidos, compreensão desses modos a partir das falas de sujeitos "comuns" que as produzem.

A escrita é entendida enquanto processo na totalidade de sua relação entre locutor/autor - palavra (falada / escrita: ponte) - ouvinte / leitor. Entre os sujeitos em classes de adultos, pouco escolarizados, de fato não é possível afirmar a utilização da escrita como veículo de comunicação incorporado à vida cotidiana; no entanto, alguns desses sujeitos escrevem mesmo tendo pouco conhecimento da língua escrita, conhecimento esse, por vezes, precário.

Entende-se a constituição desses campos - leitura e escrita - no entrelaçamento posto pelas práticas efetivas do ler e do escrever. Práticas efetivas que estão presentes na vida cotidiana dos sujeitos / alunos (jovens, adultos, homens e mulheres) tomando formas e modos diversos. Enquanto práticas efetivas, nelas podem ser buscados modos de ler e / ou escrever que podem configurar outras histórias de leitura e de escrita.

Para pensar essas práticas de pessoas "comuns", recorre-se ao autor (DE CERTEAU, 1994), que diz:

das práticas só se há de reter os móveis (instrumentos e produtos que se colocam na vitrine) ou esquemas descritivos (comportamentos quantificáveis, estereótipos de encenações, estruturas rituais), deixando de lado o inarrraigável de uma sociedade: modos de usar, as coisas ou as palavras segundo as ocasiões. Algo de essencial se joga nessa *historicidade* cotidiana, indissociável da *Existência* dos sujeitos que são os atores e autores de operações conjunturais (p. 82. Grifo do autor).

Em continuidade da descrição dessas práticas, o autor (DE CERTEAU, 1994) coloca:

"Torneios" (ou "tropos") inscrevem na língua ordinária as astúcias, os deslocamentos, etc. que a razão científica eliminou dos discursos operatórios para constituir sentidos "próprios". Mas nessas zonas "literárias" para onde são recalçados (...), continua a prática dessas astúcias, memória de uma cultura. Esses torneios caracterizam uma arte de dizer popular. Tão viva, tão perspicaz (...) numa maneira de dizer uma maneira de tratar a linguagem. (p. 85)

As práticas da leitura realizadas por essas mulheres "comuns" e apresentadas neste texto mostram modos de ler de sujeitos insuspeitos que mesmo tendo dificuldades decorrentes do processo de escolarização inconcluso, fazem da leitura e da escrita algo presente na vida para além dos muros da escola.

Dessa forma, as alunas disseram, nas entrevistas, o que é leitura para elas, como mostram os trechos a seguir:

O que é ler? O conhecimento. O desejo de conhecimento. Quanto mais eu leio, mais conhecimento eu tenho, e o conhecimento ajuda a gente, crescer cada vez mais. (Ana, entrevista)

Ler para mim, eu adoro escrever, ler então nem se fale. A leitura é essencial, tanto quanto escrever, porque a leitura faz você ser mais intelectual, você aprende mais, a sua mente ela... parece que ela fica ampla, você começa a ler, você começa a entender as coisas, as vezes na própria leitura você acha o caminho que deve ir, o caminho que deve seguir, tem muita importância a leitura, se não tem ela você não tem escrita. (Mabília, entrevista)

Ler é o saber para mim. Ler traz o conhecimento em todas as áreas da vida. Se eu não precisasse de certificado de Ensino Médio para trabalhar, só de ler, eu acho, que faria uma faculdade anônima. (Joana, entrevista)

Ler, ah... eu amo ler. Eu já virei noite sem dormir para terminar um livro, porque eu não consigo parar de ler. (Sabrina, entrevista)

O momento da leitura foi contado pelas alunas Ana e Sabrina como algo envolvente e prazeroso.

Eu começo ler eu me envolvo tanto na história que é como se eu tivesse entrado dentro do livro, no personagem, e eu viajo. (Sabrina, entrevista)

Final de semana que eu tenho mais tempo. Então, eu pego um livro e vou lendo devagar. (Ana, entrevista)

É prazeroso. Eu começo um livro e vou até o fim. Eu me prendo completamente na história, naquele momento... Então, você vive mesmo aquele momento que você está lendo. Eu não me sinto impaciente, pelo contrário, quanto mais eu leio, mais eu tenho aquela vontade de continuar até o fim. (Ana, entrevista)

As alunas realizam leituras diversificadas - jornais, revistas, livros - e, cada mulher tem, apesar de lerem diversos materiais, suas preferências literárias. Sendo assim, a aluna Ana gosta de ler poesias, Mabilia prefere livros e romances que ela chama de espíritas, Joana lê muito a Bíblia e Sabrina gosta de livros de auto-ajuda e revistas.

Assim, está listado abaixo algumas das leituras que essas mulheres realizaram e realizam:

- Poesias (Florbela Espanca, revistas de poesias);
- Romances (Júlia, Sabrina, Dom Casmurro, O Cortiço);
- Livros chamados por elas de espíritas (A Capela, livros do Chico Xavier e Allan Kardec);
- Revistas (moda, festa, outras);
- Jornal;
- Livros de auto-ajuda e de ficção (Içami Tiba, Paulo Coelho);
- Livro infantil;
- Bíblia;
- Fotonovela;
- Gibi (Turma da Mônica).

Nos trechos a seguir as alunas contam de algumas das leituras citadas acima e das suas histórias de leitura:

O livro que chama "O Cortiço", esses dias eu estava lendo ele, mas eu acho assim, uma leitura um pouco difícil ainda para mim, porque eu não estou acostumada a ler esse tipo de leitura, mas mesmo assim eu acho interessante. (Ana, entrevista)

Eu li muito livro sobre espiritualidade. Eu gosto de ler romance. Leio muito livros evangélicos. Revista, livro, jornal, revista de moda, de festa. Frequência, deixa eu

ver, sempre que eu tenho tempo, eu estou lendo, a noite mais, porque as vezes eu vou dormir muito tarde. (Sabrina, entrevista)

Também tinha uma coisa que eu gostava, como é que chama? Fotonovela. Então, minhas tias compravam aquelas revistas de novela e eu ia lendo. O que eu mais recordo são esses romances 'Júlia', 'Sabrina', essas revistas de fotonovela. (Mabília, entrevista)

Para ser bem sincera, eu gostaria de ler todos os livros dos maiores escritores. Eu gosto de ler, eu não tenho acesso a muitos livros, na minha casa não tem livros, então esses escritores grandes, Mário Quintana, eu gostaria de ler. Leio alguns textos desses escritores famosos, mas eu gostaria de ter os livros. Ah, Carlos Drummond de Andrade, essas pessoas, e outros também que eu gosto de ler, livros educativos, por exemplo, Içami Tiba. (Joana, entrevista)

Diante dos relatos das alunas é possível perceber o sentido que a leitura tem na vida delas e, assim, buscar o registro e a compreensão dessas práticas cotidianas.

As leituras que fazem de seus próprios escritos

Nas entrevistas realizadas com as mulheres / alunas da EJA perguntou-se sobre a leitura de suas produções. Será que existe essa leitura? E como é ler o próprio texto?

Tendo as falas das entrevistas, neste momento, como foco apresenta-se as impressões das mulheres sobre essas leituras.

Quando eu leio o que eu escrevo? Eu acho bacana, depois penso que não fui eu. Aliás, eu acho assim, realmente quando a gente coloca sua alma, sua vontade naquilo, até parece que não é a gente mesmo, vem umas idéias que... você coloca para fora. (Joana, entrevista)

Mabília faz a leitura logo em seguida da escrita, depois que fechou o caderno não lê mais. Entretanto, tem dias que não lê o que escreveu.

Tem coisas que depois que eu escrevo, eu falo: por que escrevi isso hein? Aqui oh, olha que tolice, para até uma menina: "Meu criador, eu quero tanto o amor, o companheirismo, a amizade, a paixão, a felicidade, a sinceridade mais verdadeira do meu esposo, quero meu criador, o bom pai amoroso e atencioso, compreensivo, o pai educador e exigente, que é para me ajudar a encaminhar as nossas filhas para um bom caminho." Depois eu leio, eu falo assim: poxa vida eu não podia escrever isso. Aí eu fico arrependida de ter escrito. Mas, também não ligo não, eu largo sabe. (Mabília, entrevista)

O trecho entre aspas citado acima, é do caderno de Mabília lido durante a entrevista para mostrar que escreve algumas coisas e depois se arrepende. O arrependimento no momento da leitura não faz com que ela apague o que escreveu.

Diferente de Mabília, Ana, lê o que escreve e quando não gosta do texto rasga e joga, mas ela faz isso por um outro motivo, que não é porque se arrependeu do que escreveu, é pelo motivo de que o escrito não demonstrou tudo o que ela gostaria quando leu, então joga e faz outro, como conta no trecho a seguir:

Eu leio. Leio e se eu não gosto eu rasgo, jogo fora e faço de novo. Porque é passar o sentimento, mas eu quero passar o sentimento de uma forma que quando eu leio me agrada. Porque eu acho que se não agradar a mim não vai agradar o outro. Então eu mesmo me analiso, analiso a minha escrita e pra mim, talvez uma outra pessoa lê: " - ah, mas ficou ótimo", mas pra mim não está. Se eu acho que não escrevi bem naquela escrita eu rasgo e faço de novo. (Ana, entrevista)

Sabrina, assim como Mabília, ao ler o próprio texto se arrependeu de algumas coisas que escreveu, como conta:

É frustrante. Sou eu mesma escrevendo isso? Às vezes eu me arrependo do que eu escrevo, que bobeira, mas foi aquela hora, o estado que eu estava. Já rasguei muita coisa e joguei fora por causa disso, depois que li. (Sabrina, entrevista)

A leitura da própria produção para as alunas da Educação de Jovens e Adultos é singular, particular assim como as suas escritas. Nessas leituras, existe um gostar do que escreveu e não se reconhecer ali, existe um aperfeiçoamento do texto de alguém que quer demonstrar o que sente, existe arrependimento e frustração do que escreveu e, em alguns casos, existe o apagamento da escrita após a leitura.

Essas são outras leituras que essas mulheres fazem, leituras dos seus próprios escritos.

Algumas Considerações

Buscar e apresentar as práticas da leitura de pessoas "comuns", como as alunas da Educação de Jovens e Adultos, possibilita dar a ver outras histórias de leitura de sujeitos insuspeitos.

Segundo (CHARTIER, 1991),

A leitura atua, portanto, nos diversos níveis da privatização. É uma das práticas constitutivas da intimidade individual, remetendo o leitor a si mesmo, a seus pensamentos ou a suas emoções, na solidão e no recolhimento. Mas também está no centro da vida dos "grupos de convivialidade" que por opção ou por acaso, em caráter duradouro ou por algum tempo, permitem "evitar o tédio da solidão e o peso da multidão". (p. 150).

Referências

CAMARGO, M. R. R. M. de. *Cartas e escrita*. 2000. 148 f. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas.

CHARTIER, R. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

_____. As práticas da escrita. In: *História da Vida Privada*. Da Renascença ao Século das Luzes. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3., 1991.

_____. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldian e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001a.

_____. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001b.

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Trad. Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes, v. 1., 1994.

[1] Os nomes das alunas são fictícios.